

UM ENCONTRO COM
TODAS AS MULHERES
QUE CONHECI:

A ARTE FEMINISTA NA
FORMAÇÃO DOCENTE

Bruna da Silva Ribeiro

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS**

BRUNA DA SILVA RIBEIRO

**UM ENCONTRO COM TODAS AS MULHERES QUE CONHECI:
A ARTE FEMINISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

**CRICIÚMA
2025**

BRUNA DA SILVA RIBEIRO

**UM ENCONTRO COM TODAS AS MULHERES QUE CONHECI:
A ARTE FEMINISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de licenciada no curso
de Artes Visuais da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Dra. Aurélio Regina de
Souza Honorato

**CRICIÚMA
2025**

BRUNA DA SILVA RIBEIRO

**UM ENCONTRO COM TODAS AS MULHERES QUE CONHECI:
A ARTE FEMINISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de licenciada no Curso de Artes Visuais
da Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC, com Linha de Pesquisa em
Processos, Poéticas e Educação

Criciúma, 28 de novembro de 2025. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - UNESC - Orientadora

Prof^ª. Daniele Cristina Zacarão Pereira - Doutora - UNESC

Prof^ª. Juliana Crispe - Doutora - UDESC

Dedico este trabalho à todas as mulheres
que conheci.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo à minha mãe. Sem ela, esse trabalho não teria existido. Sem ela, nada disso seria possível. Ela é o maior exemplo de força que eu poderia conhecer.

Agradeço à minha orientadora, Aurélia, por ter me abraçado nesta pesquisa e também à minha banca, Daniele e Juliana, por terem aceitado o convite para participarem desse momento muito especial para mim.

Obrigada às minhas amigas e amigos que estiveram comigo durante todo esse meu percurso - e que sei que estarão comigo durante todos os demais percursos que ainda virão.

Obrigada Eduardo, por tudo, sempre.

Obrigada aos meus professores, minhas professoras, meus colegas e minhas colegas de trabalho.

Um agradecimento especial à todas as mulheres que conheci. Às que conversei uma vez só e às que converso diariamente. Às que passaram rápido pela minha vida e às que permanecem até hoje. Vocês fizeram de mim a Bruna que eu sou hoje em dia e eu sou muito grata por isso.

Não posso deixar de agradecer aos meus gatinhos, minha companhia diária para minhas escritas.

Obrigada principalmente a você, que está lendo esse trabalho.

À todas, à todos e à todes, meu muito obrigada!

Coma arroz, tenha fé nas mulheres
O que eu não sei
Eu ainda posso aprender
Se estou sozinha agora
Estarei com elas mais tarde
Se estou fraca agora
Posso me tornar forte
Lentamente, lentamente

Se aprender, posso ensinar as outras
Se as outras aprenderem antes
Eu devo acreditar
Que elas voltarão e me ensinarão
Elas não vão embora do país com seu conhecimento
E me enviarão uma carta em algum momento

Devemos estudar todas as nossas vidas
Mulheres vindas de mulheres
Indo para mulheres
Tentando fazer tudo que pudermos
Com as palavras
[...]

Fran Winant

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Um Encontro com Todas as Mulheres que Conheci: A Arte Feminista na Formação Docente, insere-se na linha de pesquisa Processos, Poéticas e Educação do curso de Artes Visuais – Licenciatura. Trata-se de uma investigação de caráter autoetnográfico, na qual se estabelece uma relação entre o “eu” pesquisador e o objeto de estudo. A problemática central que orienta a pesquisa consiste em refletir sobre como pensar uma formação em arte feminista voltada para professoras e professores de Arte. O referencial teórico é constituído exclusivamente por autoras mulheres, entre elas Milly e Paola (2024), Jocielle (2005), Helena (2017), Aurélia (2015), bell (2018), Cecília (2011), Guacira (1997), Gabriela (2017), Susie (2021), Katy (2024) e Roberta (2016). A opção metodológica de nomeá-las pelo primeiro nome configura uma estratégia de aproximação subjetiva e relacional, além de ser um contraponto de uma herança patriarcal que existe até os dias de hoje de identificar as pessoas pelo sobrenome - muitas vezes paterno. Essas autoras são articuladas diretamente ao desenvolvimento da pesquisa, em diálogo com práticas e processos de artistas e coletivos como Guerrilla Girls, Louise, Letícia e Sarah. Além disso, são mobilizados conceitos relacionados à formação docente em artes e à pedagogia feminista, que sustentam as discussões e ampliam o escopo da investigação. A análise evidencia a relevância de estudar mulheres artistas comprometidas com perspectivas feministas, de modo a contribuir não apenas para a visibilização de trajetórias historicamente silenciadas na arte, mas também para a formação de sujeitos críticos e reflexivos. Como produto pedagógico, apresenta-se um material em formato de marca-página, concebido como recurso de ampliação de repertório para professoras e professores de Arte, reafirmando o compromisso da pesquisa com a prática educativa e com a difusão de saberes feministas.

Palavras-chave:

Artes Visuais, artistas mulheres, autoetnografia, formação docente, pedagogia feminista

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Crise de Identidade, de Bruna Ribeiro, 2015.....	15
Imagem 02 - Eu sou minha própria musa, de Bruna Ribeiro, 2016.....	17
Imagem 03 - A História da Parte - Gombrich, de Bruna Ribeiro, 2018.....	22
Imagem 04 - Conceitos Fundamentais da História da Parte - Wolfflin, de Bruna Ribeiro, 2018.....	23
Imagem 05 - Todas as mulheres que conheci, Bruna Ribeiro, 1993-2025.....	30
Imagem 06 - Todas as mulheres que conheci, Bruna Ribeiro, 1993-2025.....	31
Imagem 07 - Todas as mulheres que conheci, Bruna Ribeiro, 1993-2025.....	32
Imagem 08 - Todas as mulheres que conheci, Bruna Ribeiro, 1993-2025.....	33
Imagem 09 - Todas as mulheres que conheci, Bruna Ribeiro, 1993-2025.....	34
Imagem 10 - As Vantagens de Ser Uma Artista Mulher, Guerrilla Girls, 2017.....	40
Imagem 11 - As Vantagens de Ser Sua Própria Musa, Bruna Ribeiro, 2018.....	41
Imagem 12 - Femme Maison, Louise Bourgeois, 1947.....	44

Imagem 13 - Corpo-casa, Bruna Ribeiro, 2020.....	46
Imagem 14 - Corpo-casa, Bruna Ribeiro, 2020.....	47
Imagem 15 - Corpo-casa, Bruna Ribeiro, 2020.....	48
Imagem 16 - Corpo-casa, Bruna Ribeiro, 2020.....	49
Imagem 17 - Eu armário de mim, Letícia Parente, 1975.....	52
Imagem 18 - Eu armário de mim, Letícia Parente, 1975.....	52
Imagem 19 - Eu armário de mim, Letícia Parente, 1975.....	53
Imagem 20 - Eu armário de mim, Letícia Parente, 1975.....	53
Imagem 21 - Arquivo, Sarah Uriarte, 2015.....	55
Imagens 22 - Material(marca-páginas).....	58
Imagens 23 - Material(marca-páginas).....	58
Imagens 24 - Material(marca-páginas).....	59

Imagens 25 - Material(marca-páginas).....	59
Imagens 26 - Material(marca-páginas).....	60
Imagens 27 - Material(marca-páginas).....	60
Imagens 28 - Material(marca-páginas).....	61
Imagens 29 - Material(marca-páginas).....	61
Imagens 30 - Material(marca-páginas).....	62
Imagens 31 - Material(marca-páginas).....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
MAM	Museu de Arte Moderna de São Paulo
PPGAV	Programa de Pós Graduação em Artes Visuais
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	ASAS PARA VOAR.....	14
1.1	JUSTIFICATIVA.....	14
1.2	METODOLOGIA.....	18
1.3	CAPÍTULOS.....	19
2	SALA DAS PROFESSORAS.....	21
3	UM ENCONTRO COM TODAS AS MULHERES QUE CONHECI.....	28
4	AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA/PESQUISADORA/PROFESSORA FEMINISTA....	39
5	PROJETO: MATERIAL ARTÍSTICO PEDAGÓGICO.....	57
6	ASAS PARA VOAR.....	63
	REFERÊNCIAS.....	66

1 ASAS PARA VOAR

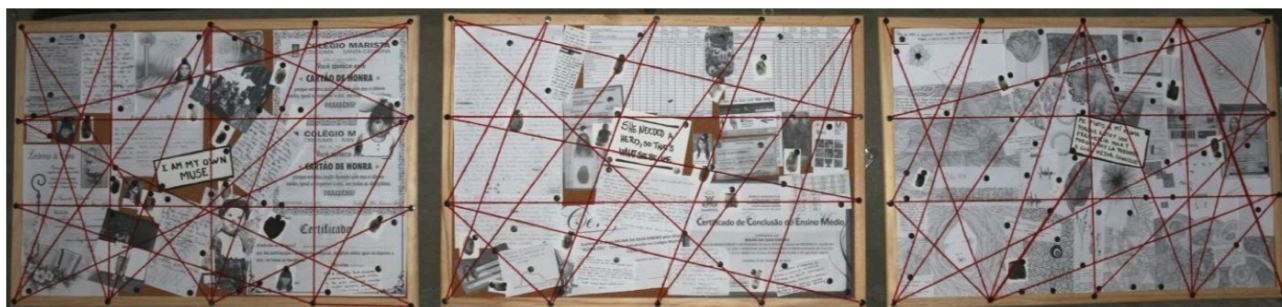
1.1 JUSTIFICATIVA

Em minha primeira graduação em Artes Visuais - Bacharelado, um dos acontecimentos que mais me chamou atenção, foi a suposta inexistência de mulheres artistas nas disciplinas de História da Arte. Foi apenas na quinta fase, na disciplina de Performance, que estudei diversas mulheres artistas e conseqüentemente, apenas a partir desse momento algumas coisas começaram a fazer sentido em minha pesquisa e também em minha produção artística. Foi na quinta fase que decidi que falaria sobre mulheres artistas em meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso - pesquisa essa que deu início à uma série de outras buscas que fazem parte de quem eu sou até hoje.

Quando estava começando o meu projeto de pesquisa para o TCC de Bacharelado em Artes Visuais, me questionava muito sobre o que escreveria, mas de uma coisa tinha certeza: falaria sobre mulheres. Na época, enquanto estava rolando o *feed* do Instagram, encontrei uma foto de Frida Kahlo com a frase "*I am my own muse*" (tradução livre: "eu sou minha própria musa"), e resolvi procurar de onde veio essa frase originalmente. Buscando um pouco na internet, descobri que a frase original é "*me pinto a mí misma porque estoy con frecuencia sola y porque soy la persona a cual mejor conozco*" (tradução livre: "pinto a mim mesma porque estou sozinha com frequência e porque sou a pessoa que melhor conheço"). A frase "eu sou minha própria musa" nunca foi dita por Frida, mas mudou completamente o rumo de toda a minha pesquisa. Naquele momento, falei sobre as mulheres que trabalham com autoimagem e que são suas próprias musas.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Visuais, além da escrita, eu, junto da turma com que me formei, participamos de uma exposição, e para isso cada um desenvolveu uma produção. Minha produção consistiu em três quadros de cortiça e cada um deles simboliza um momento da minha vida. No primeiro quadro o momento da gravidez de minha mãe e de minha infância, o segundo minha adolescência e o terceiro o período da graduação. Esses quadros contém frases que me identificam, pré-natal, documentos de identidade, boletim escolar, páginas de diário, entre outras coisas. Na exposição os quadros eram ligados por linhas vermelhas, significando que a minha identidade está conectada com o decorrer da minha vida. Esse trabalho marca uma série de outros nos quais busco pensar a pesquisa autobiográfica e apesar de não ter escrito isso no TCC na época, foi o meu primeiro trabalho que considerei parte de uma pesquisa feminista.

Imagem 01 - Crise de Identidade, de Bruna Ribeiro, 2015



Fonte: Acervo pessoal

Alguns anos depois, resolvi que iria concluir minha graduação em Artes Visuais - Licenciatura, pelo desejo de estudar e aprender mais sobre educação em arte. Apesar de ter me interessado muito pelas diferentes disciplinas, fico com algumas incertezas e inseguranças ao me imaginar como professora da Educação Básica, principalmente se tratando de turmas com alunas, alunos e alunes mais novos. Então pensar em uma pesquisa em educação se tornou um pouco difícil, porém dois momentos foram decisivos para a minha formação: o primeiro deles aconteceu na atuação no Estágio obrigatório com o Ensino Médio, onde realizei um projeto intitulado *Um teto todo nosso: A figura da mulher na arte* que relacionava o texto *Por que não houve grandes mulheres artistas?*, da Linda Nochlin¹ com *Um teto todo seu*, da Virginia Woolf². Nesse encontro, separei algumas citações de ambos os textos e fui lendo para a turma, e nós dialogamos a respeito deles. Um dos trechos lidos que marcou o encontro foi a apresentação do livro de Virginia Woolf, que foi escrita por Aline Bei³ e se chama *Dúvidas ainda quentes para o século XXI*. Nessa apresentação, Aline faz alguns questionamentos a respeito da situação das mulheres nos dias atuais.

Quais são as condições necessárias para a criação de uma obra de arte? Como o papel social destinado para cada sexo interfere no desenvolvimento de uma habilidade? O que significava para uma mulher ser artista na época das nossas avós? E hoje, o que significa? Voltaremos brevemente ao passado: o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã tão talentosa quanto ele? E Picasso? Será que o pai teria apoiado o gênio da filha? Você conhece, por acaso, a Miss Cyclone? E Oswald de Andrade, você conhece? Bem, voltemos ao presente, quantos livros escritos por mulheres você leu nos últimos tempos? Desses livros, quantas autoras são pretas? Quantas são indígenas? Quantas são lésbicas? Quantas são trans? Quantas são brasileiras? Quantas ainda estão vivas? Como

1 Linda Nochlin (1931 - 2017) foi uma professora, escritora e historiadora da arte. Escreveu o artigo *Por que não houve grandes mulheres artistas?* em 1971.

2 Virginia Woolf (1882 - 1941) foi uma escritora e ensaísta britânica. Escreveu o ensaio *Um teto todo seu* em 1929 - esse ensaio foi baseado em uma série de palestras ministradas em 1928 em duas escolas só para mulheres na Universidade de Cambridge.

3 Aline Bei (1987 -) é uma escritora brasileira.

foram educadas as escritoras que habitam nossas prateleiras? Elas possuíam um espaço próprio para criar? (2022, p. 9)

A partir dessa citação, iniciamos alguns diálogos tratando-se das mulheres artistas em diferentes contextos, mas principalmente falando sobre a invisibilidade delas na história e dificuldade de se construir enquanto artista pela falta de oportunidades.

Em um dos encontros, foi realizada uma breve retrospectiva sobre a história da arte só a partir de mulheres artistas de cada época, trazendo muitos nomes de exemplo para cada um dos movimentos. Em outro, falei sobre a arte brasileira produzida por mulheres, focando principalmente em arte moderna e contemporânea, com: Lygia Clark⁴, Lygia Pape⁵, Regina Vater⁶, Lenora de Barros⁷, Rochelle Costi⁸, Rosana Paulino⁹, Rivane Neuenschwander¹⁰, Santarosa Barreto¹¹, Laura Goulart¹² e eu mesma. Por fim, os alunos fizeram uma prática a partir do trabalho de Laura, produzindo cartões portais unindo suas próprias vivências. O objetivo era que eles fizessem o postal para entregar para alguma mulher que eles admirassem.

O segundo momento aconteceu quando a artista e pesquisadora Carol Machado apresentou seu trabalho *Mulher Artista Presente*¹³ para a minha turma na sétima fase, em que ela busca nos livros didáticos de Arte a presença (ou a falta) de mulheres artistas como referência. Carol analisa o livro didático “Arte por toda parte” usado na disciplina de Artes da rede pública de ensino do Estado de Santa Catarina. Comenta que “aproximadamente 145 homens artistas foram apresentados e uma média de 26 mulheres artistas aparecem neste livro didático, considerando todas as linguagens artísticas” (Caroline, 2019, p. 31). A autora, a partir da análise, constata que

A grande parte do debate relacionado as produções de mulheres artistas não apresentam questões centrais proposta pela artista, em especial ao que se refere ao movimento feminista, tema evidenciado em muitas produções e não citado. Não há uma abordagem sobre a trajetória de vida dessas artistas, que aparecem impregnadas em suas produções, muitas usam suas lutas e experiências pessoais como um instrumento poético. Havia mulheres artistas que tinham seus trabalhos citados em um breve parágrafo, outras não apresentavam descrição alguma, e

4 Lygia Clark (1920 - 1988), artista brasileira.

5 Lygia Pape (1927 - 2004), artista brasileira.

6 Regina Vater (1943 -), artista brasileira.

7 Lenora de Barros (1953 -), artista brasileira.

8 Rochelle Costi (1961 - 2022), artista brasileira.

9 Rosana Paulino (1967 -), artista brasileira.

10 Rivane Neuenschwander (1967 -), artista brasileira.

11 Santarosa Barreto (1986 -), artista brasileira.

12 Laura Goulart (1994 -), artista brasileira.

13 SILVA, Caroline Machado da. Mulher artista presente. 2019. 73 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais – Licenciatura) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, Santa Catarina. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7596/1/Caroline%20Machado%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 19/08/2025.

grande parte das artistas tinham apenas uma produção mostrada. (2019, p. 31)

No capítulo *Mulher artista resiste*, Carol Machado traz algumas artistas que trabalham dentro das temáticas feministas que poderiam ser usadas também como referências desses livros didáticos. Nesse capítulo, ela traz meu trabalho *Eu sou minha própria musa*, cartaz de 2016, como referência.

Imagem 02 - Eu sou minha própria musa, de Bruna Ribeiro, 2016



Fonte: Acervo pessoal

A partir dessa insegurança com algumas turmas da Educação Básica, mas levando em consideração principalmente esses dois momentos em minha formação, comecei a me questionar sobre a formação de professoras e professores de Arte e refletir sobre como essas pessoas buscam por referências em suas aulas, principalmente tratando-se da presença das mulheres artistas.

Nisso apresento meu problema de pesquisa: **como pensar uma formação de arte feminista para professoras e professores de Arte?** E outras questões que norteiam essa pesquisa: qual a importância de estudar mulheres artistas? E mais precisamente falando, arte feminista? Onde estão esses referenciais de mulheres artistas que trabalham com arte feminista? Elas estão nos livros de História da Arte? Estão na graduação em Artes Visuais?

Meu objetivo geral para essa pesquisa é: investigar e refletir a respeito de uma

formação de arte feminista para professoras e professores de Arte. E os específicos são: debater sobre a importância e relevância de estudar mulheres artistas e pesquisas de arte feminista no campo da educação; analisar como os princípios do feminismo podem ser incorporados ao ensino de arte, promovendo uma abordagem crítica e inclusiva na formação docente; criar um material didático com referenciais de arte feminista que poderá ser acessado por professoras e professores de Arte.

1.2 METODOLOGIA

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Ana, 1998, p. 16)

Início este subcapítulo com essa citação de Ana Mae para dizer que acredito na arte e no ensino da arte e que a partir delas podemos nos tornar sujeitas e sujeitos mais críticos e analíticos. Quanto mais nós ampliamos o nosso repertório artístico, mais nós poderemos perceber as inúmeras formas de expressão humana, reconhecer diferentes contextos culturais e desenvolver uma sensibilidade estética mais apurada para a nossa leitura de mundo e de nossas experiências.

Dito isso, especifico que esse Trabalho de Conclusão de Curso encontra-se na linha de pesquisa de Processos, Poéticas e Educação, que estuda a “Criação, fazer e linguagens no campo da educação. Estudo dos elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais”¹⁴, dentro do Curso de Artes Visuais - Licenciatura. Nessa pesquisa, irei me aprofundar em alguns conceitos, como feminismos, formação de professoras e professores de Arte, pedagogia feminista e autoetnografia, essa última para explicar os procedimentos metodológicos dessa pesquisa.

Segundo Sylvie Fortin (2010, p. 83),

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si.

Durante toda a minha escrita, falarei sobre os temas que constituem essa pesquisa, mas sempre a partir da pesquisa autoetnográfica, buscando sempre uma relação entre o meu “eu” e o objeto a ser pesquisado.

¹⁴ Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/11230.pdf?1426022391. Acesso em 19/08/2025.

Carmen, Alessandra e Valentina (2024, p. 13) explicam sobre a autoetnografia:

A palavra autoetnografia é originária do grego: auto (self, em si mesmo), ethnos (nação, no sentido de um povo ou grupo de pertencimento, uma cultura) e grafia (grapho, escrever, a forma de construção da escrita). Significa escrever uma representação da relação entre o “eu” e o “outro”, onde esse “eu” (self) é um observador neutro.

No caso dessa escrita, porém, o “eu” não será um observador (tão) neutro. Me utilizo de algumas técnicas políticas para a realização desse trabalho: além da própria escolha dele em si, ser política, pelo fato de tratar apenas de mulheres artistas que possuem uma pesquisa feminista, também trago apenas referenciais teóricos escritos por mulheres e as trato pelo primeiro nome, aproximando-as de mim e de minha pesquisa, como se fôssemos amigas próximas. Segundo Sarah (2021, n.p.) “chamá-las pelo primeiro nome é um convite para conversa”.

Além disso, existe um ponto importante aqui: a herança patriarcal presente em chamar as pessoas pelos sobrenomes - muitas vezes o sobrenome vindo do pai, e no caso das normas de pesquisa, sempre dessa forma. Objetivo não estar inserida nesse estereótipo de pesquisa patriarcal, me desviando nele sempre que possível. Dessa forma então, trago as mulheres como minhas amigas, chamando-as pelo seu primeiro nome, chamando-as para conversar comigo durante todo o percurso dessa pesquisa.

Aqui também me aprofundo na pesquisa de quatro artistas mulheres que trabalham dentro da perspectiva feminista propondo um material artístico pedagógico para ser compartilhado com professoras e professores de Arte, de modo que suas temáticas possam ser desenvolvidas em sala de aula. Todo o trabalho escrito foi pensado e dialogado com o material didático.

1.3 CAPÍTULOS

O presente trabalho de conclusão de curso está dividido em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *Sala das Professoras*, falará sobre minha experiência nas graduações de bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, uma breve introdução ao feminismo e sobre a formação de professoras e professores de Arte. Me apoio nos escritos de Milly e Paola (2024), Jocielle (2005), Helena (2017), Aurélia (2015).

No segundo capítulo intitulado *Um encontro com todas as mulheres que conheci*, falo brevemente sobre feminismo e sobre a pedagogia feminista, bem como algumas histórias sobre o meu entendimento enquanto mulher feminista, para tanto trago a Lei 14.9865 (2024), bell (2018), Milly e Paola (2024), Cecília (2011) e Guacira (1997).

O terceiro capítulo é chamado *As vantagens de ser uma artista/pesquisadora/*

professora feminista é onde apresento algumas mulheres artistas que foram referência durante todo o meu percurso artístico/acadêmico/docente e também é onde falo um pouco sobre o meu percurso em relação a arte feminista. Para esse capítulo, dialogo com Gabriela (2017), Susie (2021), Katy (2024), Roberta (2016), Guerrilla Girls, Louise, Letícia e Sarah.

No quarto capítulo trago algumas reflexões e análises a respeito dos temas trabalhados até o momento na escrita. E no quinto capítulo, apresento o projeto de material didático.

2 SALA DAS PROFESSORAS

Antes de iniciar o capítulo falando sobre a formação de professoras e professores de Arte em si, acho importante comentar um pouco mais a fundo sobre o motivo de eu ter escolhido falar sobre a formação de professoras e professores de Arte.

Durante a minha primeira graduação eu senti uma falta muito grande de referenciais teóricos e artísticos de mulheres. E talvez o mais engraçado foi eu ter me dado conta que sentia essa falta apenas após eu ter encontrado um professor que incluía artistas e teóricas mulheres em suas aulas, pois foi a partir desse momento que a graduação começou realmente a fazer sentido para mim enquanto artista e pesquisadora.

Aconteceu na 5ª fase, na disciplina de Performance. Uma chave virou imediatamente em minha cabeça e lembro que na época, comecei a pesquisar em alguns livros de História da Arte sobre mulheres artistas. Admito que foi uma experiência bem frustrante encontrar poucas - e muitas vezes nenhuma referência de mulheres nesses livros.

Em 2018 fiz uma série de trabalhos utilizando como referência alguns livros de história da arte, onde alterei os nomes desses livros. Mantive a formatação original das capas e modifiquei apenas os títulos, como nos livros *A História da Arte*, de Gombrich e *Conceitos Fundamentais da História da Arte*, de Wolfflin.

A
HISTÓRIA
DA
(P)ARTE

Fonte: Acervo pessoal

Imagem 04 - Conceitos Fundamentais da História da Parte - Wolfflin, de Bruna Ribeiro,
2018

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA DA (P)ARTE

Fonte: Acervo pessoal

Por um determinado momento de minha vivência acadêmica, me enraiveceu muito meus professores e professoras não me apresentarem a experiência das mulheres artistas, principalmente nas disciplinas de História da Arte, mas com o tempo, e quanto mais estudava, mais entendia e compreendia a dificuldade de encontrar essas referências.

O ano era 2015 e os debates sobre as referências que nós tínhamos na academia estavam começando a ser muito comentados, pelo menos no meu contexto acadêmico. Muitos livros feministas estavam sendo traduzidos para o português e cada vez mais nós viamos mulheres artistas aparecendo em exposições de arte - principalmente em exposições específicas para mulheres artistas - e com isso as informações estavam cada vez mais presentes, mas eu sentia que ainda assim, era algo muito pontual. Os debates pareciam partir de um grupo muito seleto de pessoas. Os livros feministas me pareciam ser consumidos apenas pelas feministas. Lembro de pensar que as exposições só com mulheres artistas me pareciam ser uma desculpa para não incluir as mulheres em exposições mistas. Pois bem.

Agora, em 2025, temos muito mais referenciais enquanto pesquisas de mulheres artistas, mas tenho medo de as coisas serem acessadas apenas por um grupo muito específico de pessoas. Nesse momento, o que eu gostaria de fazer, escrevendo sobre formação de professoras e professores de Arte é quase que literalmente pegar na mão dessas pessoas e mostrar caminhos possíveis de busca. As mulheres artistas estão aí. Sempre estiveram na verdade, mas muitas vezes, por termos muitas formas de pesquisar, nos perdemos sobre onde começar. Gostaria muito de que para algumas pessoas esse Trabalho de Conclusão de Curso fosse justamente o começo.

Um dos pontos dessa pesquisa que acho importante esclarecer, é de que todas as referências de artistas e também de teóricas são só de mulheres, pois nesse momento eu entendo a falta delas em muitos lugares e quero que elas ocupem esse espaço comigo. Mas, como talvez tenha ficado em evidência, eu cito que essa pesquisa é para professoras e professores de Arte. Em uma pesquisa pensada tanto para as mulheres, porque decido também incluir homens pensando esta formação?

Milly e Paola, em seu livro *Feminismo para não feministas: Como o machismo machuca todo mundo*, escrevem

Por ora, a primeira pergunta a ser respondida é: por que escrever um livro de feminismo para não feministas, para homens, para mulheres que não se identificam com o movimento e para todo mundo que ainda não está familiarizado com todas as extensões dessa causa? Antes de mais nada, porque o mundo é formado não apenas por mulheres, e a transformação real vai demandar o envolvimento do maior número de pessoas possível. Por isso, precisamos de aliados que entendam a real dimensão do que está em jogo. (2024, p.5)

Vejo que muitas coisas estão em jogo, e friso que a importância dessa formação é para todas, todos e todes. Para Jociele (2005, p. 149) “[...] na contemporaneidade, necessitamos de uma formação de professores que possa estar em constante estado de pensar e refletir criticamente o contexto das tendências e processos globalizantes.”

O interesse na formação para professoras e professores é um ponto fundamental nessa pesquisa. Como eu disse anteriormente, esse desejo vem da falta. Em minha segunda graduação (essa atual, em Licenciatura em Artes Visuais) percebi que muitas coisas mudaram e que as pesquisas de mulheres estão muito mais presentes. Mas a ideia aqui é pegar na mão de todas as pessoas e mostrar algumas possibilidades.

Às vezes acho engraçado pensar que estou finalizando minha graduação em Licenciatura e também trabalhando com a docência no ensino superior, pois quando eu era pequena, não sonhava em ser professora. Quando pergunto para minha mãe sobre o que eu queria ser quando eu crescesse ela responde que eu não queria ser nada, que queria permanecer criança para sempre.

Quando paro para pensar nas minhas referências de professoras e professores na escola, tive grandes exemplos, principalmente nas outras áreas que tenho afinidades, como Literatura e História, mas lembro que as aulas de Arte nunca foram levadas muito a sério - não por mim, mas pela escola e pelos estudantes de maneira geral. Fazíamos preparações para os demais eventos escolares, como festa junina, dia das mães, dia dos pais, páscoa, etc. Nos períodos em que não eram de festividades, trabalhávamos basicamente fazendo cópias de desenhos clássicos, como a *Monalisa*¹⁵. Ou então fazendo a nossa própria versão da *A Noite Estrelada*¹⁶ ou do *Abaporu*¹⁷. Tarsila do Amaral inclusive deve ter sido a primeira - e possivelmente uma das únicas mulheres artistas que conheci nas aulas de Arte enquanto estava na escola.

Entrei em Artes Visuais - Licenciatura pela primeira vez em 2011 principalmente pela minha afinidade e amor pela fotografia. Lembro que queria ser fotógrafa de ensaios quando era mais nova, principalmente ensaios de mulheres e meninas. Quando entrei na graduação e comecei a ter as aulas, algo dentro de mim borbulhava em cada aula. Estar na graduação fazia sentido, pois eu me imaginava naquele lugar de professora universitária. Talvez por isso tenha continuado na graduação até a quinta fase para finalmente despertar um interesse em uma pesquisa específica. Em 2012 eu mudei para Artes Visuais - Bacharelado, mas a vontade de terminar a graduação em Licenciatura esteve sempre ali.

De novo, penso que minha vontade de me construir professora veio da falta. Talvez nenhuma das minhas professoras de Arte na escola tenha feito as aulas que tinham

15 Pintura de Leonardo Da Vinci (1452-1519), datada de 1503-1506.

16 A Noite Estrelada (1889) é uma pintura de Vincent Van Gogh (1853-1890).

17 Abaporu, de 1928, foi uma tela pintada por Tarsila do Amaral (1886-1973).

vontade por uma questão com a própria escola. Não sei dizer. Talvez minha vontade de ser professora universitária veio do desejo de ocupar esse espaço que nunca tinha acreditado que poderia ser meu.

Talvez a vontade de trabalhar com formação de professoras e professores de Arte venha desse desejo de mostrar que é possível, mas muitas vezes complexo entender para qual caminho devemos seguir. Segundo Helena (2017, p.194-195),

Quando propomos aos professores pensarem sobre suas ações e percursos formativos, os levamos a desvendar e conhecer sua própria história e dar sentido às suas experiências e representações pessoais e profissionais. Nesse movimento, mergulhamos em tempos, silêncios e interrogações, remetendo-nos à reflexão sobre os aspectos exercidos em nossa formação. Assim, pensamos o querer ser ou o tornar-se, imprimindo reconhecimento e autenticidade a nós próprios, pois ao mobilizar as lembranças, nos reconstruímos por meio das nossas narrativas. Nesse movimento de visitar as trilhas percorridas acionamos a percepção de que outros caminhos são possíveis.

Gosto muito dessa citação, pois penso que a partir de quem somos, vamos construindo nossa prática docente. Penso que fui me construindo enquanto artista/professora/pesquisadora a partir de todas as minhas experiências e vivências. Essa construção veio de todos os momentos que me formam quem eu sou hoje. Seja da criança que queria ser criança para sempre, mesmo depois de virar “gente grande”, seja da adolescente que via as aulas de Arte como um espaço de comunicação muitas vezes não aproveitado da maneira que deveria, ou seja da mulher adulta que encontrou em suas professoras e professores universitários mundos possíveis de entender a vida - e a si mesma. Entendo hoje que entrar na Universidade, no curso de Artes Visuais me transformou e me transforma cotidianamente.

Segundo Aurélia (2015, p. 45), “na formação de professores e professoras a experiência pode acontecer também. Podem acontecer várias experiências, mas cada uma é única no sentido de ser singular. É na singularidade que a transformação acontece. Mudança de modos de vida.”

Como falei anteriormente, entrei em Artes Visuais pela afinidade com a fotografia. Engraçado pensar que até hoje é a linguagem com que mais tenho aproximação quando penso em produzir algo. Apesar de experimentar diversas outras, como bordado, escrita, cerâmica, performance, entre outras, eu sinto que a fotografia é a que sempre estará ali para mim. Digo isso, principalmente pensando em minha experiência após a entrada na graduação. Após o meu encontro definitivo com a arte contemporânea. Após experienciar a arte nos mais diferentes contextos, desde as aulas, visitas à exposições e viagens para as Bienais.

Acredito que toda essa experiência me transforma na professora que desejo ser (e

que tento ser!) para minhas alunas, alunos e alunes - seja na graduação, ou nas minhas experiências com o estágio obrigatório nas escolas de Educação Básica. Para Jocielle (2005, p. 145), que nos diz

No caso específico da formação de professores de Artes Visuais devemos questionar: qual o papel e o modelo de professor que se busca e se quer? Qual o lugar dado à educação visual no desenvolvimento do ser humano? Qual a função da arte enquanto disciplina escolar? Como os cursos são organizados em termos de matriz curricular?

Nesse diálogo entre Jocielle e eu, trago Aurélia (2015, p. 41), que nos diz que “a arte contemporânea possibilita essas aberturas que devem ser percebidas pelos professores e professoras de Artes em formação”. Penso que quero ser uma professora formadora de opiniões. Acredito no diálogo em sala de aula, gosto de pensar e construir junto com as alunas, alunos e alunes. Acredito na arte contemporânea como uma força transformadora de ideias, de pessoas. Eu não lembro da presença de arte contemporânea enquanto estava na escola, e por conta disso busco aproximar as pessoas dela sempre que posso. Seja nos meus projetos de Estágio obrigatório, seja enquanto professora das minhas aulas da graduação em Artes Visuais. Talvez muito desse meu trabalho venha daí - de acreditar. Na força da arte, das pessoas, da vida.

3 UM ENCONTRO COM TODAS AS MULHERES QUE CONHECI

Não sei dizer quantos anos eu tinha quando me entendi ou me declarei feminista pela primeira vez, mas lembro de alguns acontecimentos que marcaram minha mente até hoje quando eu começo a refletir sobre as consequências de um mundo machista. Irei relatar algumas histórias familiares nas quais eu penso sobre a dimensão de seus significados até hoje. Eu sou a mais nova de três irmãos, tenho alguns primos homens com os quais eu brincava muito de carrinho, bola, videogame, bonecos... Era tudo muito bom e divertido, mas quando eu ganhava algum brinquedo que seria só meu, era sempre um brinquedo dito como “feminino”, como boneca, bichos de pelúcia, casinha. Não vou reclamar, eu adorava brincar das mais diversas formas, mas hoje em dia me questiono sobre essa diferença dos brinquedos que eu brincava com os meninos e os brinquedos que eu brincava muitas vezes sozinha - brinquedos esses que geralmente são atribuídos ao cuidado de algo ou alguém.

Uma outra história que gostaria de contar é de quando eu tinha por volta dos meus sete ou oito anos de idade e estava almoçando com minha família - minha mãe, meu pai e meus dois irmãos e queria muito brincar depois de comer. Minha mãe pediu para o meu irmão do meio lavar a louça daquele dia, e ele respondeu: *pede pra Bruna lavar, ela é mulher*. Não lembro quem lavou a louça naquele dia, mas lembro sim de ter ficado muito irritada com a ideia de o que era ser mulher.

Pois bem. Meu pai, antes de falecer, era dono de uma gráfica. Um pouco mais velha, por volta dos dez anos de idade, em uma conversa entre algumas pessoas da família e falando sobre as coisas da vida, futuro e coisas nesse sentido, meu pai disse que eu nunca teria nada por ser mulher. Outro momento que me fez odiar a ideia de ser mulher. Por anos me questionei sobre isso. O que significava ser mulher e por que de todas as formas isso me era apresentado de maneira tão negativa.

Os anos foram passando e eu comecei a me dar conta dos inúmeros exemplos de mulheres que foram grandes referenciais para a formação de quem eu sou hoje em dia. As coisas foram mudando na minha cabeça e eu entendi o que era ser mulher (para mim). Desde professoras, escritoras, cantoras, amigas e é claro, minha mãe, meu maior exemplo de força e também do que é ser mulher e do que uma mulher pode e é capaz de fazer.

Agora, já mais velha, com meus vinte e poucos anos, quando já estava inserida na academia, um homem, enquanto analisava meus trabalhos me falou “agora que teus trabalhos estão ficando melhores, porque eu vejo que agora que tais entendendo o que é ser mulher”. Naquele momento eu não acreditei que um homem estava tentando me fazer entender sobre os meus sentimentos sobre ser mulher.

As coisas foram passando desde que eu era uma criança e eu fui compreendendo

diversos temas sozinha, até começar a encontrar a palavra do feminismo. Não lembro quando exatamente, pois acredito não ter sido apenas um momento decisivo na minha vida, mas sim uma construção de acontecimentos até eu finalmente ter me dado conta desse termo e do seu significado.

Mas o que exatamente é o feminismo? Milly e Paola (2024, p.4) nos dizem que “para começar, precisamos ter em mente que o feminismo é um saber e um fazer. Ou seja, é, ao mesmo tempo, um conhecimento e uma ferramenta para mudar o mundo.” E é verdade. Eu acredito que muitas pessoas quando nascem possuem essa vontade de mudar o mundo dentro delas, mas ao crescer essa vontade acaba adormecendo. Pelo menos comigo foi dessa maneira. Como eu não teria nada por ser mulher, por que acreditaria que eu mudaria algo? Quando realmente me entendi mulher, a partir de mim e de minhas vivências e principalmente a partir de vivências com outras mulheres, essa vontade feminista de mudar o mundo se reacendeu dentro de mim.

Um dos meus trabalhos favoritos aconteceu por essa junção de coisas. Por essa vontade de mudar o mundo de mãos dadas com outras mulheres. O trabalho se chama Todas as mulheres que conheci, datado de 1993-2025 e consiste em uma lista com o primeiro nome de todas as mulheres que conheci durante toda a minha vida.

Imagem 05, 06, 07, 08 e 09 - Todas as mulheres que conheci, Bruna Ribeiro, 1993-2025

Adhara	Amábile	Ana	Barbara	Bruna	Carolina
Adriana	Amalhene	Ana	Barbara	Bruna	Carolina
Adriane	Amanda	Ana	Barbara	Bruna	Carolina
Adriane	Amanda	Ana	Bárbara	Bruna	Carolina
Adrieli	Amanda	Ana	Barbora	Bruna	Carolina
Adrieli	Amanda	Ana	Beatrice	Bruna	Caroline
Agatha	Amanda	Ana	Beatriz	Bruna	Caroline
Ághata	Amanda	Ana	Beatriz	Bruna	Caroline
Airana	Amanda	Ana	Beatriz	Bruna	Caroline
Ale	Amanda	Ana	Beatriz	Cailane	Caroline
Alessandra	Ana	Ana	Beatriz	Camila	Caroline
Alessandra	Ana	Ana	Beatriz	Camila	Caroline
Alexsandra	Ana	Andressa	Beatriz	Camila	Caroline
Alice	Ana	Andressa	Beatriz	Camila	Cássia
Alice	Ana	Andressa	Beatryz	Camila	Cat
Alice	Ana	Andressa	Bel	Camila	Catarina
Alice	Ana	Andreza	Bianca	Camila	Cathy
Alice	Ana	Anelise	Bianca	Camile	Catia
Aline	Ana	Anete	Bianca	Carina	Cecilia
Aline	Ana	Angela	Bianca	Carina	Cecilia
Aline	Ana	Ângela	Bianca	Carla	Cecilia
Aline	Ana	Angelica	Bianca	Carla	Cheyenne
Aline	Ana	Angélica	Bill	Carol	Cíbele
Aline	Ana	Angélica	Brida	Carol	Cíbele
Aline	Ana	Anna	Brisabel	Carol	Cissa
Aline	Ana	Anna	Bruna	Carol	Clarice
Aline	Ana	Anna	Bruna	Carol	Clarissa
Aline	Ana	Annie	Bruna	Carolina	Claudenise
Aline	Ana	Ariane	Bruna	Carolina	Claudia
Alinie	Ana	Ariel	Bruna	Carolina	Cris
Aliz	Ana	Aurélia	Bruna	Carolina	Cristina

Cristine	Diana	Evellyn	Franciele	Gabriela	Greyce
Cyntia	Diane	Evelyn	Franciele	Gabriele	Hadda
Daiane	Djuly	Évyllen	Francielen	Gabriele	Helen
Daiane	Doriana	Fabiana	Francieli	Gabriele	Helen
Daiani	Drika	Fafá	Franciéli	Gabriella	Helen
Dani	Eda	Fatrine	Francine	Gabriella	Helen
Dani	Edileini	Fernanda	Francine	Gabrielle	Helena
Daniela	Edina	Fernanda	Gabriela	Gabrielly	Helena
Daniela	Edite	Fernanda	Gabriela	Gabriely	Helena
Daniela	Eduarda	Fernanda	Gabriela	Gaia	Helena
Daniela	Eduarda	Fernanda	Gabriela	Galgani	Helene
Daniela	Eduarda	Fernanda	Gabriela	Geanne	Hellen
Daniela	Eduarda	Fernanda	Gabriela	Geórgia	Heloisa
Daniele	Edyene	Fernanda	Gabriela	Géssica	Heloisa
Daniele	Eli	Fernanda	Gabriela	Giane	Heloísa
Daniele	Eliana	Fernanda	Gabriela	Gianna	Herta
Daniele	Eliane	Fernanda	Gabriela	Giovanna	Hilda
Danielle	Eliete	Fernanda	Gabriela	Girassol	Hudinisi
Danielle	Elisa	Fernanda	Gabriela	Gisele	Iasmini
Dary	Elisa	Fernanda	Gabriela	Gisele	Ilca
Dayane	Elisabete	Fernanda	Gabriela	Gisele	Ilka
Debora	Elísia	Fernanda	Gabriela	Gisele	Ingred
Debora	Elke	Flavia	Gabriela	Gislane	Ingrid
Debora	Eloisa	Flavia	Gabriela	Gislene	Ingrid
Débora	Emanuela	Flavia	Gabriela	Giu	Ingrid
Débora	Emanuela	Flavia	Gabriela	Giulia	Ingrid
Débora	Emanueli	Francesca	Gabriela	Glaucia	Iolanda
Débora	Emilly	Franciele	Gabriela	Gledis	Iorrana
Deise	Emmanuelle	Franciele	Gabriela	Gorete	Isabela
Deise	Emy	Franciele	Gabriela	Gorete	Isabele
Deisy	Esther	Franciele	Gabriela	Grazielly	Isabella

Isabella	Janice	Julia	Kamilli	Laísa	Leticia
Isabella	Jay	Julia	Karin	laise	Leticia
Isabelle	Jessica	Julia	Karina	Lara	Leticia
Isabelle	Jessica	Julia	Karine	Lara	Leticia
Isabelle	Jessica	Julia	Karol	Lara	Leticia
Isabelly	Jessica	Julia	Karoline	Lara	Leticia
Isadora	Jessica	Julia	Karoline	Lara	Leticia
Isadora	Jessica	Julia	Karolline	Larine	Leticia
Isadora	Jessica	Júlia	Karolyne	Larissa	Leticia
Isadora	Jessica	Júlia	Katia	Larissa	Leticia
Isadora	Jéssica	Júlia	Katia	Larissa	Leyne
Isadora	Jéssica	Júlia	Katiuscia	Larissa	Lia
Isadora	Jéssica	Júlia	Keiko	Larissa	Lídia
Isadora	Jéssica	Júlia	Keite	Larissa	Lidiane
Isadora	Jéssica	Juliana	Keity	Larissa	Lidiane
Isaura	Jéssica	Juliana	Kell	Laryssa	Lidice
Issa	Jéssica	Juliana	Kelly	Laura	Lilian
Itamara	Jheniffer	Juliana	Kellyn	Laura	Lilian
Izabel	Jhéssica	Juliana	Kellyn	Laura	Lilian
Izabel	Joana	Juliana	Ketellín	Laura	Liliane
Izadora	Joana	Juliana	Kétlen	Laura	Lilit
Izaltina	Joana	Juliana	Kianny	Laura	Livia
Izamara	Joanna	Juliane	Kimberly	Laura	Lívia
Izaura	Jociele	Kamila	Kris	Laura	Lívia
Izy	Joici	Kamila	Kymberlly	Laura	Lizandri
Jade	Josiane	Kamila	Lais	Laura	Lorena
Jade	Joyce	Kamila	Lais	Leila	Louise
Jadi	Juli	Kamilla	Laís	Leila	Lourdes
Jadne	Julia	Kamilla	Laís	Leisla	Louyse
Jaline	Julia	Kamilla	Laís	Lela	Luana
Janaina	Julia	Kamilla	Laís	Leticia	Luana

Luana	Malu	Maria	Mariana	Mônica	Nicole
Luana	Manoela	Maria	Mariana	Mônica	Nicole
Luana	Manoela	Maria	Mariane	Monique	Nicole
Luana	Manu	Maria	Mariane	Monique	Nicole
Luani	Manuela	Maria	Mariane	Monique	Odete
Lucia	Manuela	Maria	Marina	Monique	Oniela
Luciana	Manuela	Maria	Marina	Morgana	Oniele
Luciana	Manuela	Maria	Marina	Morgana	Paloma
Luciane	Manuela	Maria	Marina	Mylena	Paloma
Luciani	Manuella	Maria	Marine	Myrella	Pamella
Luísa	Mara	Maria	Maristela	Naciele	Paola
Luísa	Marcela	Maria	Maristella	Nadia	Paola
Luiza	Marcia	Maria	Marlene	Nádia	Paola
Luiza	Marcia	Maria	Marta	Nádia	Patricia
Luiza	Marciele	Maria	Martina	Nalu	Patricia
Luiza	Mari	Maria	Max	Nani	Patrícia
Luiza	Mari	Maria	Maya	Natalia	Patrícia
Luiza	Maria	Mariah	Mayra	Natalia	Patrícia
Luna	Maria	Mariah	Mayra	Natalia	Paula
Madu	Maria	Mariah	Meg	Natalia	Paula
Magu	Maria	Mariah	Melissa	Natália	Paula
Mahira	Maria	Mariana	Mell	Natália	Paula
Maiara	Maria	Mariana	Meri	Natália	Paula
Maiara	Maria	Mariana	Mery	Nathalia	Paula
Maiara	Maria	Mariana	Mia	Nathalia	Paula
Maiara	Maria	Mariana	Midiã	Nathalia	Paula
Maiarah	Maria	Mariana	Milena	Nathália	Paula
Mainara	Maria	Mariana	Milena	Nathália	Paula
Maira	Maria	Mariana	Mileni	Nayalyn	Paula
Maíra	Maria	Mariana	Milenne	Neusa	Paula
Maitê	Maria	Mariana	Monaliza	Neusa	Pietra

Pimar	Rayane	Sara	Soraia	Talita	Vanessa
Priscila	Regiany	Sara	Stéfani	Tamires	Vanessa
Priscila	Renata	Sara	Stéfani	Tamiris	Victória
Priscila	Renata	Sarah	Stefania	Tania	Victória
Priscila	Renata	Sarah	Stéfany	Tania	Victória
Priscilla	Renata	Sarah	Stephanie	Tayná	Victória
Rachel	Renilda	Sarah	Sthefane	Telma	Violeta
Rachel	Rita	Selma	Sthfany	Thainá	Virginia
Rádyra	Roberta	Shayda	Suelane	Thaís	Vitória
Rafaela	Roberta	Shayenne	Suele	Thalita	Vitória
Rafaela	Rosane	Sheila	Suelen	Thamy	Vitória
Rafaela	Rosangela	Silemar	Tabata	Tharciana	Vitória
Rafaela	Rosimere	Silvana	Taciana	Thauana	Vitória
Rafaela	Sabrina	Simone	Taiana	Thayse	Vittoria
Rafaela	Sabrina	Simone	Tainah	Thayze	Viviane
Rafaella	Sacha	Simone	Tainara	Thuany	Ysadora
Raissa	Samanta	Sinara	Taira	Thuany	Zaira
Raissa	Samella	Sirlene	Tais	Tina	
Raquel	Samira	Sofhia	Tais	Valdete	
Raquel	Samira	Sofia	Taís	Valentine	
Raquel	Sandra	Sofia	Talia	Valéria	
Rata	Santilina	Sonia	Talita	Vanessa	

Fonte: Acervo pessoal

Esse trabalho surge da minha pesquisa sobre o trabalho de outras mulheres, sobre a vontade de ler mais mulheres, de assistir mais mulheres, de consumir mais mulheres de maneira geral, mas principalmente, do desejo de andar junto de outras mulheres.

bell hooks, no livro *O Feminismo é para todo mundo* (2018, posição 249) nos diz que “feministas são formadas, não nascem feministas” e eu concordo muito com essa afirmação. O mundo é naturalmente machista, crescemos acreditando que a estrutura machista é tudo que conhecemos e que pode existir, mas em algum momento - provavelmente a partir de conversas e vivências com outras mulheres, percebemos que precisamos do feminismo. O mundo precisa dele para que aconteça a libertação de todas, todos e todes.

Para bell (2018, posição 158), o “feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. Ela escreve em seu livro como o feminismo é benéfico para todas as pessoas e sobre como essa opressão instaurada pela sociedade machista e patriarcal faz mal para todos os seres humanos.

Quando era mais nova, tinha opiniões muito radicais no que diz respeito a isso, eu pensava que o feminismo era um movimento única e exclusivamente para mulheres, mas com o tempo fui percebendo que os homens podem - e devem ser também grandes aliados nesta luta. Por isso esse Trabalho de Conclusão de Curso é pensado para todas as pessoas.

Acredito que passei por algumas fases do feminismo, mas hoje penso que a que mais faz sentido para mim é o feminismo interseccional. Segundo Milly e Paola (2024, p. 45) “o termo “interseccionalidade” tem sido usado para se referir ao modo como raça, classe social, gênero, idade e outros atributos da identidade interagem na produção de opressões”. Dessa maneira, entendo que precisamos compreender todo um sistema de opressões que nos circulam.

Considerando minha vontade de falar sobre formação de professoras e professores de Artes trazendo apenas referenciais de mulheres artistas, principalmente mulheres artistas a partir de uma perspectiva feminista, trago um acontecimento de 2024, que entrou em vigor a Lei no 14.986¹⁸, dentro da Lei no 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde o Art. 26-B nos informa que “[...] nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, é obrigatória a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares.” Ainda sobre a lei,

[...] as abordagens a que se refere este artigo devem incluir diversos aspectos da história, da ciência, das artes e da cultura do Brasil e do mundo, a partir das experiências e das perspectivas femininas, de forma a resgatar as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas científica, social, artística, cultural, econômica e política. (BRASIL, 2024, Art. 26-B.)

18 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 02/11/2025.

Acredito que essa obrigatoriedade é de extrema importância para a formação docente e discente, pois nos faz ampliar nosso repertório artístico, cultural, social... Enfim, nos faz conhecer mulheres que antes estavam apagadas em nossa história.

Ao buscar em bases de dados de artigos, teses e dissertações pesquisas que conversem com essa que estou escrevendo, acabei encontrando o termo “pedagogia feminista”. Utilizo-me deste conceito como ponto fundamental para a escrita desse Trabalho de Conclusão de Curso, pois a partir dele consigo compreender e costurar muitas de minhas problemáticas.

Segundo Cecília (2011, p. 25),

Podemos dizer que, no seu conjunto, as pedagogias feministas se voltam para a interação ensino-aprendizado, com base nos valores e princípios feministas, objetivando erradicar o sexismo, a discriminação, a exploração e opressão sexual, em suma, a ordem de gênero patriarcal.

Trago nesse momento também Guacira (1997, p. 113), que nos diz que “a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais”.

A pedagogia feminista, sendo assim, vem para dar voz. Já conversei com pessoas e ouvi conversas e vídeos pela internet dizendo que as mulheres não precisam mais do feminismo pois já conquistaram muitos dos seus direitos desejados. Uma educação de qualidade, por exemplo. Porém, precisamos pensar sobre essa educação. Será mesmo que ela é de qualidade? E é de qualidade para quem? Para todas as pessoas? Quem tem acesso à ela? O que se estuda nas escolas em termos de arte, de teoria, de política...?

Se as mulheres estivessem em igualdade de condições educacionais aos homens, não estaríamos nos questionando juntas, juntos e juntas sobre essas questões. Se as mulheres estivessem em igualdade de condições esse trabalho nem existiria.

Mas de onde surge o termo pedagogia feminista? Trago Cecília (2011, p. 19) novamente, que nos diz que

As pedagogias feministas integram as chamadas “pedagogias críticas” ou “pedagogias libertadoras”, conjunto de teorias e práticas educativas e de aprendizado formuladas para propiciar a conscientização dos(as) educandos(as) quanto às condições de opressão em que vivem.

Nesse momento intensifico o interesse em falar sobre esse conceito. É importante colocarmos em evidência as opressões em que estamos inseridos, discutir sobre elas e propormos modos de solução. As pedagogias críticas/libertadoras/feministas surgem para isso.

Uma das máximas do feminismo diz que *o pessoal é político*. Eu amo essa frase. Acredito nela. Por isso estou fazendo esse trabalho por meio de uma abordagem autoetnográfica. Ao falar de mim, ao falar de minhas experiências, falo da outra, a partir da outra e para a outra.

Guacira (1997, p. 114) nos diz que

[...] ao tentar colocar no mesmo plano, com igual legitimidade, o saber pessoal e o saber acadêmico, as pedagogias feministas pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se vêem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido.

Retomando ainda para Cecília (2011, p. 19) que afirma que a pedagogia feminista é o

conjunto de princípios e práticas que objetivam conscientizar indivíduos, tanto homens quanto mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e, assim, atuarem de modo a construir a equidade entre os sexos [...] portanto, o principal objetivo da pedagogia feminista é libertar homens e mulheres das amarras das ideologias e hierarquias de gênero, ou seja, da construção social das diferenças/desigualdades entre os sexos, um objetivo que se aplica a todas as metodologias desenvolvidas para o trabalho com mulheres.

Voltando no tempo para me lembrar de minhas aulas na educação básica, lembro de poucas mulheres estando lá como referências. Isso levando em consideração às mais diferentes disciplinas. Conheci poucas mulheres dentro da História, da Literatura, das Artes enquanto ainda estudava no colégio em que estudei. Isso foi um reflexo de onde estava inserida? Acredito que em partes sim, mas penso também que acontece com uma grande quantidade de pessoas quando paramos para pensar sobre. Isso que nesse momento estou falando aqui apenas sobre mulheres, num sentido geral. Quando pensamos sobre as ramificações que essas pesquisas podem ter, isso só complica ainda mais. Se eu mal conheci o trabalho de mulheres brancas, europeias, cisgenero, imagina o trabalho de mulheres não-brancas, LGBTQIAPN+, não inseridas no contexto eurocêntrico...

O pessoal é político. Precisa ser.

Finalizo trazendo bell (1989, p. 51, apud Cecília, 2011, p. 17) que nos diz que

A educação feminista – a aula feminista – é e deve ser um espaço marcado por um sentido de luta, no qual há um reconhecimento visível da união entre teoria e prática e se trabalha conjuntamente, como professoras/es e alunas/os, para ultrapassar o estranhamento e alienação que vem-se tornando norma na universidade contemporânea.

Precisamos repensar a norma e fugir dela, encontrar desvios na educação, nos transformarmos ainda mais em agentes sociais e políticos questionadoras e questionadores, que lutam por esses espaços. O espaço da escola é político. O pessoal é político. A

educação é política.

4 AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA/PESQUISADORA/PROFESSORA FEMINISTA

Existiram alguns momentos em que arte feminista começou a virar tema de interesse em minha vida. Já contei alguns deles aqui. Mas uma série de outros acontecimentos na minha vida fez com que eu me buscasse cada vez mais e me identificasse cada vez mais sobre esses assuntos. Um dos pontos cruciais em minha vida para que eu pudesse compreender mais sobre arte feminista - para além das leituras sobre o tema, foi ter sido convidada por Juliana Crispe para fazer residência artística entre os anos de 2018 à 2019 no Espaço Cultural Armazém - Coletivo Elza, na cidade de Florianópolis/SC.

Segundo a descrição do site¹⁹,

O Coletivo Elza é formado por mulheres de áreas plurais: artistas visuais, gestoras, educadoras, produtoras, doulas, psicólogas, musicistas e propositoras que compartilham o desejo comum de contribuir para a ampliação do acesso da comunidade à cultura, de dar visibilidade a produções artísticas, especialmente a de mulheres e jovens artistas, e de potencializar ações com foco no fortalecimento, empoderamento e saúde das mulheres, crianças e famílias, através de estratégias coletivas pertinentes para o cenário atual. O coletivo, com natureza fluida, já foi composto por diversas mulheres, algumas permanecem desde a configuração original e outras juntaram-se ao longo da história.

Estar residindo em um espaço cultural onde a arte acontece diariamente foi um divisor em minha vida e estar inserida nesse coletivo de mulheres fez com que eu entendesse muito melhor algumas dinâmicas coletivas e pessoais. Como por exemplo, me fez pensar muito a partir de minha própria produção enquanto artista. Percebo que os momentos em que eu residi no Espaço fez com que minha produção artística fosse também muito mais coletiva. Eu produzia a partir da minha relação direta ou indireta com outras mulheres. Pensava muito mais nas suas vivências, suas atuações, seus contextos. Quando voltei a residir em Criciúma, em 2020, por conta da pandemia do Covid-19, todo o contexto mundial era outro, mas noto que a partir dali, minha produção mudou, tornando-se muito mais íntima, pessoal.

Um dos meus pontos de interesse em minha pesquisa, durante todos os meus períodos de produção enquanto pesquisadora e artista visual, são as questões acerca da visibilidade da mulher na arte. Um dos meus coletivos favoritos que trata muito sobre isso são as Guerrilla Girls, um grupo de artistas feministas fundado em 1975 em Nova York, onde as integrantes mantêm o anonimato utilizando máscaras de gorila. Não lembro direito quando conheci Guerrilla Girls, mas lembro que ter ficado instantaneamente obcecada. Quando vi o trabalho delas ao vivo pela primeira vez no Tate Museum em 2017, lembro de ter ficado parada na frente dos cartazes por muito tempo, sorrindo, de emoção e orgulho.

Emoção por estar vendo uma série de trabalhos tão potentes na minha frente. E orgulho,
19 Disponível em: <https://www.projetoarmazem.com/armazemcoletivoelza>, acesso em 09/11/2025.

pois de alguma forma, sentia que aqueles trabalhos falavam diretamente comigo - e de certa forma, me sentia próxima das artistas. Não sei explicar porquê, mas como me expliquei no início desse trabalho falando que iria chamar minhas referências apenas pelo primeiro nome: sempre me senti próxima dessas mulheres. Para mim, elas se comunicavam diretamente comigo - e com outras mulheres, fazendo com que suas palavras tivessem ainda mais força. Para mim, minhas referências são amigas. E isso incluía as Guerrilla Girls. Katy (2024, p. 392) diz que:

O coletivo, formado exclusivamente por artistas e ativistas de identidade de gênero feminina, saiu às ruas (de forma anônima e durante a noite) para protestar pelo reconhecimento e demonstrar apoio a mulheres artistas e pessoas não brancas atuando no ramo da arte [...] As Guerrilla Girls chamaram atenção do público para as desigualdades e discriminações sistemáticas no mundo da arte e, em última análise, questionaram como os museus podiam continuar celebrando a história do patriarcado em vez da história da arte.

Imagem 10 - As Vantagens de Ser Uma Artista Mulher, Guerrilla Girls, 2017

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso
Não ter que participar de exposições com homens
Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer
Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina
Não ficar presa à segurança de um cargo de professor
Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros
Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade
Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova
Ser incluída em versões revistas da história da arte
Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio
Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Fonte: Guerrilla Girls²⁰

²⁰ Disponível em <https://www.guerrillagirls.com/projects>. Acesso em: 09/11/2025.

Esse trabalho é, provavelmente, o meu favorito das Guerrilla Girls. Ele é originalmente de 1988, mas essa versão traduzida é de 2017, para uma exposição que elas realizaram no MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. A partir desse trabalho, criei o cartaz *As Vantagens de Ser Sua Própria Musa*, em 2018, para falar da minha experiência enquanto artista (e musa) a partir das Guerrilla Girls.

Imagem 11 - *As Vantagens de Ser Sua Própria Musa*, Bruna Ribeiro, 2018

AS VANTAGENS DE SER SUA PRÓPRIA MUSA:

Não depender de homens para ser retratada

Ser a sua própria gênio criativa

Ser chamada de humilde ironicamente pelas suas costas

Se olhar no espelho e se perceber como uma completa estranha

Ter consciência de que independente do tipo de trabalho que você fizer, as pessoas sempre irão te considerar egocêntrica

Não precisar pagar um terapeuta, pois está constantemente se auto analisando

Receber julgamento apenas de você mesma

Carimbar "Eu sou minha própria musa" e distribuir para outras mulheres artistas e musas

Fonte: Acervo pessoal

A partir dessas inquietações - minhas e das Guerrilla Girls, escrevo que para esse capítulo, utilizei alguns livros de História da Arte que possuem apenas referências de mulheres, como por exemplo *A História da Arte sem os Homens*, de Katy Hessel e *Breve História das Artistas Mulheres*, de Susie Hodge, para que elas pensem comigo artistas referências da arte feminista. Como citei na introdução, utilizo também outras referências

para construir comigo esse momento de minha pesquisa.

Para pensar a respeito do apagamento das mulheres na história da arte, Katy (2024, p. 9) nos traz alguns questionamentos: “Será que eu conseguiria nomear vinte mulheres artistas de cabeça? Dez que procedessem a década de 1950? Uma única que procedesse 1850? A resposta foi não. Será que, no fundo, eu sempre havia encarado a história da arte a partir de uma perspectiva masculina? A resposta foi sim.”

Esses questionamentos permearam e permeiam minha pesquisa constantemente. Um de meus objetivos enquanto artista e pesquisadora é sempre a ampliação de repertório, ainda mais quando trata-se de construir um repertório de mulheres artistas. Susie (2021, p. 6) diz que “as mulheres produzem obras de arte desde a Antiguidade, mas durante grande parte desse período elas foram excluídas, ignoradas e quase sempre suprimidas da história da arte.”

Susie, em seu livro *Breve História das Artistas Mulheres* constrói um repertório sobre os mais diferentes períodos da história da arte, nos trazendo uma grande variedade de artistas mulheres em suas páginas. Esse livro foi muito importante para mim para pensar minhas aulas de Estágio III - Ensino Médio, como já citado anteriormente. Utilizei-o como base para a criação de meu planejamento de atuação para uma das aulas, sobre a referência de mulheres na história da arte. Naquele momento, queria mostrar às alunas e alunos a grande variedade de mulheres artistas que também construíram - e constroem até hoje a história da arte, pois segundo Katy (2024, p. 11) “se não vemos a arte feita por uma ampla gama de pessoas, não estamos de fato vendo a sociedade, a história ou a cultura como um todo”.

Louise nasceu em 1911 em Paris e faleceu em 2010 em Nova York e o primeiro contato que eu tive com ela foi ainda no ensino médio, quando alguém colocou uma foto dela no Facebook por conta de seu falecimento. Na foto, retratada por Robert Mapplethorpe, ela segurava uma de suas esculturas nos braços e sorria olhando para a câmera. Fiquei muito curiosa com aquela imagem e ela não saiu da minha cabeça por anos. E então consegui juntar as peças de que aquela mulher segurando a escultura nos braços era a mesma que havia feito a aranha gigante que havia visto no MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, alguns anos depois.

Katy (2024, p. 333) nos diz que

[...] Louise Bourgeois (1911-2010) trabalhou em diversos formatos e experimentou uma variedade de materiais, formas e temas. Sua carreira de sete décadas, revolucionária e extremamente influente, estendeu-se do fim dos anos 1930 até o fim da década de 2000, período ao longo do qual a artista questionou constantemente o papel do corpo: como nos sentimos nele e como nos relacionamos com ele.

Quando vi o trabalho de Louise Bourgeois ao vivo pela primeira vez, ele me

atravessou como um tiro. E é possível que a bala ainda esteja ali. O seu trabalho me incomoda, mas também me toca. Lembro de ter lido em algum lugar, em algum momento - provavelmente no livro *Desconstrução do pai/Reconstrução do pai* - em que ela falou que seu trabalho vem muito de suas experiências na infância. A questão é que para mim, seu trabalho é extremamente brutal em alguns aspectos.

Todo o trabalho de Louise tem um lugar especial em meu coração, mas existem duas séries que realmente mexem comigo um pouquinho mais do que seus outros trabalhos: *Maman*, uma série de esculturas de aranhas espalhadas pelo mundo. E *Femme Maison*, uma série de esculturas e desenhos de mulheres-casa.

As aranhas foram feitas como uma homenagem para a sua mãe, uma tecelã, porém representa a dualidade da maternidade em relação com o animal. Ao mesmo tempo que pode ser algo protetor, pode também dar medo. As teias da aranha podem proteger, mas também podem sufocar, assim como a relação da artista com a mãe e com a própria maternidade em si.

Vi as aranhas de Louise algumas vezes pessoalmente, como em algumas visitas ao MAM, mas também em uma exposição no museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, mas possivelmente o momento que mais me marcou foi quando estava no Tate Modern em visita com a minha mãe e fui em uma das salas de exposição, que era de Louise Bourgeois e uma das aranhas estava lá. Ver a exposição de Louise, minha artista favorita junto de minha mãe, minha mulher favorita, foi definitivamente um dos momentos mais importantes e significativos da minha vida.

O seu trabalho *Femme Maison*, também me marca muito desde que o conheci. Eu inclusive tenho um de seus desenhos dessa série tatuados em um dos meus braços. Existe uma leitura muito crítica sobre esse trabalho, mas eu gosto de pensar que existem duas maneiras de lê-lo.

Imagem 12 - Femme Maison, Louise Bourgeois, 1947



Fonte: MoMa²¹

21 Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/136096>. Acesso em 10/11/2025.

Para a primeira maneira, trago Gabriela (2017, p. 24-25), que nos diz:

Nas suas pinturas, os corpos femininos incorporam partes de casas ou prédios em sua composição. Uma das possibilidades de sentido para as obras constrói-se com base na sensação de que Louise Bourgeois cria híbridos mesclando corpos femininos e arquitetura doméstica. Nessas obras, a artista explora a ideia de uma identidade feminina, evocando a mulher como um ser estruturado pela esfera privada, e os efeitos disso na produção da subjetividade.

Sobre essa mesma série, Gabriela também diz que “A casa surge como uma espécie de espartilho que modela e sufoca o corpo” (2017, p. 25) e que “uma leitura feminista permite sugerir que, ao criar imagens literais da mulher pertencente à esfera do privado, a artista joga com a ironia para criticar o modelo de feminilidade construído com base no ideal da mãe-esposa-dona-de-casa, abnegada, assexuada e feliz.” (2017, p. 26).

Sobre a relação feminista com o seu trabalho, apesar de Louise nunca ter se declarado feminista, seu trabalho traz muito dessa crítica nele. Gabriela (2017, p. 27) diz que

As sensações produzidas pelas obras da série *Femme maison* circulam e se reconfiguram em toda a arte de Louise Bourgeois. As lutas para se livrar do peso da identidade da Mulher universal e as possibilidades de invenção de outras formas para as mulheres criarem a si mesmas emergem de diferentes maneiras em seus trabalhos. Nessa perspectiva, mesmo que Louise Bourgeois nunca tenha se declarado feminista, é possível apontar em seus trabalhos uma crítica feminista mordaz.

Eu entendo esse lugar no trabalho de Louise, principalmente levando em consideração com a época em que esses trabalhos foram realizados, mas gosto de pensar que nos dias atuais, a casa tem um outro simbolismo, pelo menos para mim. No início da pandemia do Covid-19, em 2020, eu realizei um trabalho que foi muito importante para repensar os espaços domésticos em minha casa. Na época, tinha recém me mudado para esse apartamento em Criciúma, e logo fui pega pela pandemia, então precisava ficar em casa. Estava fazendo o mestrado em Artes Visuais, no PPGAV da UDESC, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos.

Nesse trabalho, chamado *corpo-casa*, eu busco me adentrar no espaço doméstico, me relacionando diretamente com esse espaço. Eu faço um esforço de me encaixar nos locais de minha casa, para passar a entendê-lo não apenas como casa, mas como lar. Como um espaço de aconchego, segurança, um espaço meu. Me parece que existe uma tentativa na sociedade machista e patriarcal na qual vivemos, que diz que as mulheres não podem se sentir confortáveis nunca. Nem no espaço da cidade, nem no doméstico, nem em seus próprios corpos. *Corpo-casa* surge dessa tentativa de fazer minha casa, meu corpo, fazer de minha casa um espaço meu, fazer de minha casa o meu lar.

Imagem 13, 14, 15 e 16 - Corpo-casa, Bruna Ribeiro, 2020









Fonte: Acervo pessoal

Uma das artistas que eu sentia necessidade de colocar nesse trabalho, é Letícia Parente (1930 - 1991). Conheci o seu trabalho Made in Brazil na minha quinta fase de Artes Visuais - Bacharelado na disciplina de Performance e recentemente, em uma aula de Desenho Contemporâneo com a turma de Artes Visuais - Licenciatura, minhas alunas, alunos e alunas fizeram uma atividade a partir do trabalho Eu armário de mim. Amo o trabalho de Letícia pois a partir de fotografia e vídeo ela trata dos mais diferentes assuntos e temáticas, mas os meus favoritos são os que ela trata do ambiente doméstico, o espaço da casa e do lar.

Eu armário de mim (1975) é o meu favorito de todos eles. Ele apresenta um vídeo com uma série de fotografias sendo mostradas junto de um texto sendo lido sobrepondo-se com essas imagens. Imagens essas que apresenta uma série de objetos empilhados dentro de um armário, como sapatos, cadeiras, papéis, comidas e uma fotografia do armário fechado. O texto lido, diz:

Eu armário de mim
Eu armário de mim
Eu armário de mim
Eu armário de mim
Conta de mim o que contenho. Conta. De mim. O que contenho.
Eu armário de mim. Armário
Eu armário de mim.
Sentar. Sentei. Sozinho. Sentei-me com. Assentos com.
Presilhas no tempo. Sentei. Parei. Sentar-me com.
Eu armário de mim. Armário
Consumo a cor dos frutos. E sabores do tempo.
Com sumo e cor. Os frutos. Com sumo e cor do tempo.
Eu armário de mim. Eu armário de mim.
Letras e palavras. Trazem o mundo. Mundo circulando no sangue.
Eu armário de mim armário.
Pasto e repasto. O jornal nosso de cada dia.
Pasto e repasto
Eu armário de mim armário.
Canto. cantado. Som nascido. Som nascente. Tecendo o instante de cada dia.
Eu armário de mim.
Idas e vindas. Voltas e revoltas. Idas e vindas voltas revoltas.
Eu armário de mim. Armário. De mim. Armário.
De mim. Armário de mim.
Mal travestido em doença. Registro de lutas na carne.
A condição de ser, é fardo às vezes.
Nas costas a humanidade, tão leve e tão pesada.
Cura-me a própria dor da dor. Cura-me a dor da dor.
Eu armário de mim. Eu armário de mim.
Mãos registrando a vida em mim. Mãos narrando a vida no tempo.
Eu armário de mim.

Ferramentas de construir cada dia.
Eu armário de mim.
O desgaste das solas registrou os caminhos deles e meus.
Eu armário de mim.
Livrar do pó do sangue e dos detritos. Eis a faina diária
Repouso enfim no tempo empresilhado. Tempo amarrado e preso.
Sem correr. Sol parado. Parado. No repouso no repouso no sono.
Eu armário de mim.
Eu armário de mim.
É preciso cessar aos movimentos. Amor voo livre.
É preciso estancar as forças. Amor surpresa e surpreendido.
Breve amor longo amor. É preciso conter os passos
Pequeno espaço e tanto amor.
Amplidão interna, explosão de sóis. É preciso prevenir os riscos.
Prevenir os riscos.
Amordaçar a liberdade.
Eu armário de mim
O tempo: hoje é dia de trevas. Hoje é dia de perda.
O tempo: hoje é dia de festa. Tempo de abrir o tempo.
O tempo: hoje é dia de sonho. No ritmo de desejar
Eu armário no tempo.
Eu em fim multiplicado. Arborescido. Arborescente.
Eu armário de mim.
O amor tem muitas faces e se põe de joelhos.
Eu armário de mim.
Eu armário de mim.

Imagem 17, 18, 19 e 20 - Eu armário de mim, Letícia Parente, 1975





Fonte: leticiaparente.art²²

²² Disponível em: <https://www.leticiaparente.art/>. Acesso em 13/11/2025.

Segundo Andréia (2019, n. p.):

O poder do discurso e da ação assim como o do corpo, é capaz de irromper novas configurações do real ao proclamarem liberdades, desejos e espaços. Nos trabalhos de Letícia Parente, ambos, discurso e corpo atuam como potência de desconstrução de normatividades, possibilitando leituras da casa como espaço social e político, onde as disputas de poder são percebidas através de gestos, objetos e situações.

Conheci o trabalho de Sarah Uriarte em 2017, quando eu trabalhava como bolsista no Setor Arte e Cultura da UNESCO. Minha função no Setor naquela semana era receber a artista, que estava com a exposição Exercícios no Espaço Cultural Unesc Toque de Arte, e ajudá-la no processo de montagem dos trabalhos. Eu e minha colega de trabalho estávamos esperando Sarah sem possuir qualquer indicação de quem ela era, mas lembro de vê-la pela primeira vez, perceber um rosto desconhecido no meio dos outros semi-conhecidos da Universidade e entender que era ela quem estávamos procurando.

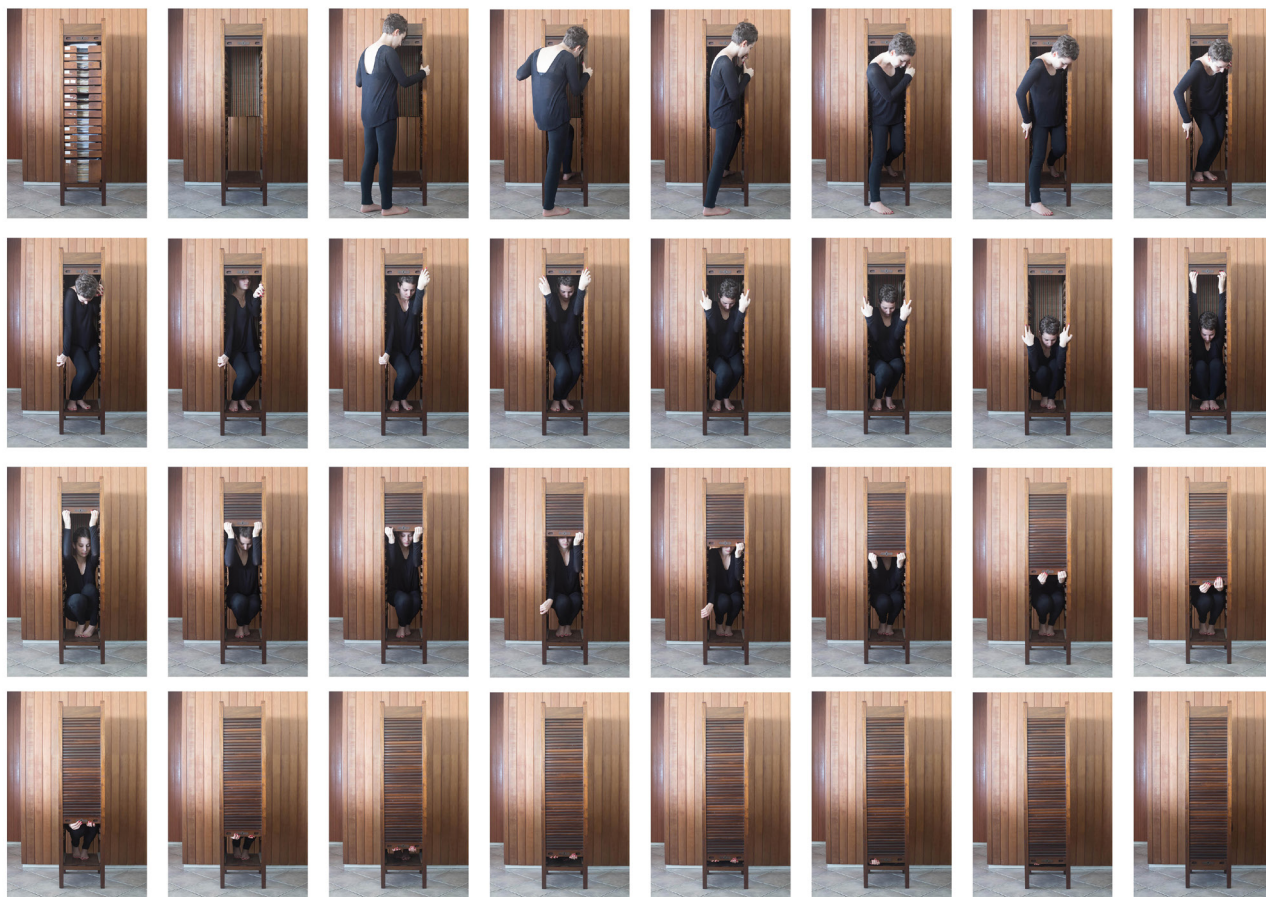
Naquele momento nos apresentamos e lembro de estarmos disponíveis para ajudar Sarah a montar a exposição, então ficamos um tempo conversando e trocando ideias. Depois daquele dia, me encantei com o seu trabalho - que até o momento me era desconhecido, e a acompanho muito de perto desde então. Hoje em dia posso dizer que somos amigas e eu me inspiro muito em seu processo de produção para pensar meus próprios trabalhos também.

O trabalho que mais me deixou apaixonada pela produção de Sarah naquele momento da exposição foi Arquivo, de 2015. Segundo a artista²³,

arquivo foi realizado em um momento de saída definitiva da casa da minha família, onde este móvel de madeira está desde que nasci. em uma tentativa de seguir habitando este espaço, a ação consiste em preencher o arquivo com meu próprio corpo e fechar-me nele, me tornando parte daquele contexto arquitetônico e afetivo. o trabalho é exposto em fotografias em sequência, e foi também minha primeira tradução para o espaço impresso, em formato de cartaz.

23 Disponível em: <https://sarahuriarte.com/arquivo>. Acesso em 09/11/2025.

Imagem 21 - Arquivo, Sarah Uriarte, 2015



Fonte: Sarah Uriarte²⁴

Todo o trabalho de Sarah me faz questionar sobre diversas questões, como o espaço do corpo, principalmente o espaço do corpo feminino, no meio, no espaço, nos lugares públicos e privados. Me faz pensar sobre o lugar em que estamos inseridas e principalmente no lugar onde nos inserimos, seja por querermos estar nesse espaço ou não.

Sobre o modo com que artistas feministas utilizam do corpo em seus trabalhos desde o início das primeiras pautas do feminismo, Roberta Barros (2015, p. 15), nos diz que

O corpo feminino, tão frequentemente estigmatizado, explorado e representado na cultura visual ocidental, “de repente”, foi percebido e reivindicado como arma e usado pelas militantes em suas contestações políticas. Destarte, quando, a partir da década de 1970, o movimento feminista transbordou para o mundo da arte, as mulheres começaram a usar seus próprios rostos e corpos em performances, filmes, vídeos e trabalhos fotográficos em lugar de apenas serem usadas como modelos ou suportes em obras de artistas homens.

24 Idem.

Gosto muito de pensar sobre o trabalho de mulheres artistas que utilizam de si mesmas e de seus corpos para mostrar para que e para quem vieram. Por isso, como falei no início desse trabalho, me apropriei e me aproprio da frase “eu sou minha própria musa” até hoje. Penso o quão importante é o uso de nossa autoimagem enquanto artistas visuais. Mostrar que nós podemos sim nos colocar em jogo e mostrar que somos mulheres, artistas e musas de nossas próprias produções.

Sarah (2021, n.p.), em sua publicação intitulada *notas sobre arquivo*, escreve, falando de meu trabalho

quando eu olho algum trabalho da bruna, fico imaginando se ela me olha de volta, porque ela sempre conseguiu me entender sem precisar de palavras. aprender essas possibilidades de diálogos e vínculos com mulheres artistas foi essencial para o meu trabalho. assumi a decisão de caminhar com mulheres, na pesquisa e na vida, por estar de mãos dadas com bruna.

Ando sempre de mãos dadas contigo, Sarah. E contigo aprendi também a andar de mãos dadas com todas essas mulheres que são referências para mim.

5 PROJETO: MATERIAL ARTÍSTICO PEDAGÓGICO

No início de minhas pesquisas para esse Projeto de Conclusão de Curso, logo no começo, já pensei em fazer e apresentar algo diferente. Nos TCCs de Artes Visuais - Licenciatura, é necessário apresentar um projeto de curso, além de toda a escrita da pesquisa em si. Não é que eu não queria apresentar esse projeto, mas queria que ele fosse algo diferente, algo que eu poderia colocar em prática logo de imediato. Algo que poderia ser acessado por todas, todos e todes que buscassem essa pesquisa.

Quando comecei a pensar em apresentar um material, muitas ideias vieram à minha cabeça. Seria ele um material de grande formato para que as professoras e professores pudessem apresentar em sala de aula? Seria algo menor, de consulta para elas, eles e elus? Seria uma espécie de livro, caderneta, zine? Seria um cartão postal? Quais informações esses trabalhos trariam?

Tinha muitas questões e a verdade é que precisei mudar de ideia algumas vezes. Sendo sincera, o objetivo era inclusive trazer muito mais mulheres para esse momento, mas por questões da vida, acabei não conseguindo. Trouxe então mulheres que são referências diretas para mim enquanto mulher/artista/pesquisadora/professora, que dialogam com o meu trabalho e também que podem gerar questionamentos em sala de aula.

Sobre o formato, escolhi fazer alguns marca-páginas. Meu trabalho pessoal tem essa questão direta com o que é utilitário - já fiz camisetas, fitinhas, bolsas com a frase Eu sou minha própria musa para vender. Então pensei em um material que pudesse ser um utilitário, mas que também serviria de referência direta para quem o possuísse.

Comecei a organizar o marca-página com as imagens que utilizei de referência aqui no Trabalho de Conclusão de Curso e me questionei muito sobre o que colocar no verso dele. Decidi então que colocaria algumas frases do Trabalho que apresentam relação direta com a artista mostrada.

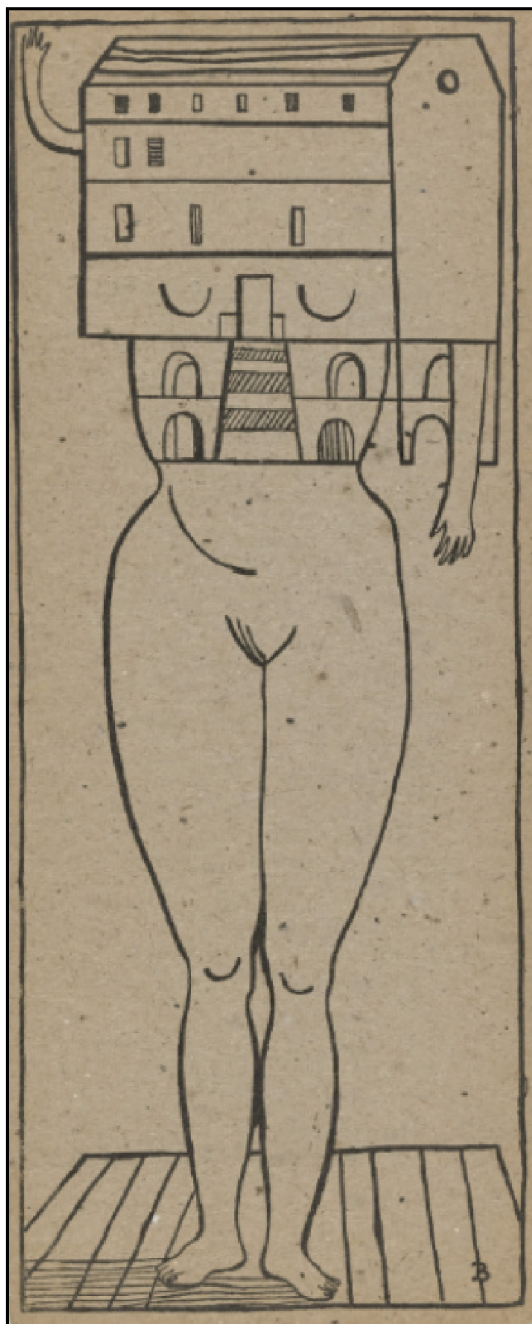
Consigo pensar inúmeras utilidades para os marca-páginas, além de utilizá-los em sua função inicial de marcar páginas de livros, consigo imaginar algumas ações artístico pedagógicas para eles. Além da ideia original desse projeto, de distribuí-los para professoras e professores de Arte, eles podem vir a ser uma ação performática, como por exemplo, a inserção deles em livros de História da Arte em livrarias e bibliotecas. Penso em dar continuidade para esse trabalho a partir dessas inserções em diferentes locais.

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

O coletivo, formado exclusivamente por artistas e ativistas de identidade de gênero feminina, saiu às ruas (de forma anônima e durante a noite) para protestar pelo reconhecimento e demonstrar apoio a mulheres artistas e pessoas não brancas atuando no ramo da arte [...] As Guerrilla Girls chamaram atenção do público para as desigualdades e discriminações sistemáticas no mundo da arte e, em última análise, questionaram como os museus podiam continuar celebrando a história do patriarcado em vez da história da arte. (p. 392)

HESSEL, Katy. A história da arte sem os homens. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2024.

As Vantagens de Ser Uma Artista Mulher, 2017
Guerrilla Girls



As sensações produzidas pelas obras da série Femme Maison circulam e se reconfiguram em toda a arte de Louise Bourgeois. As lutas para se livrar do peso da identidade da Mulher universal e as possibilidades de invenção de outras formas para as mulheres criarem a si mesmas emergem de diferentes maneiras em seus trabalhos. Nessa perspectiva, mesmo que Louise Bourgeois nunca tenha se declarado feminista, é possível apontar em seus trabalhos uma crítica feminista mordaz. (p.27)

LAURENTIIS, Gabriela Barzagli De. Louise Bourgeois e modos feministas de criar. Sobinfluencia Edições. E-book, 2017.

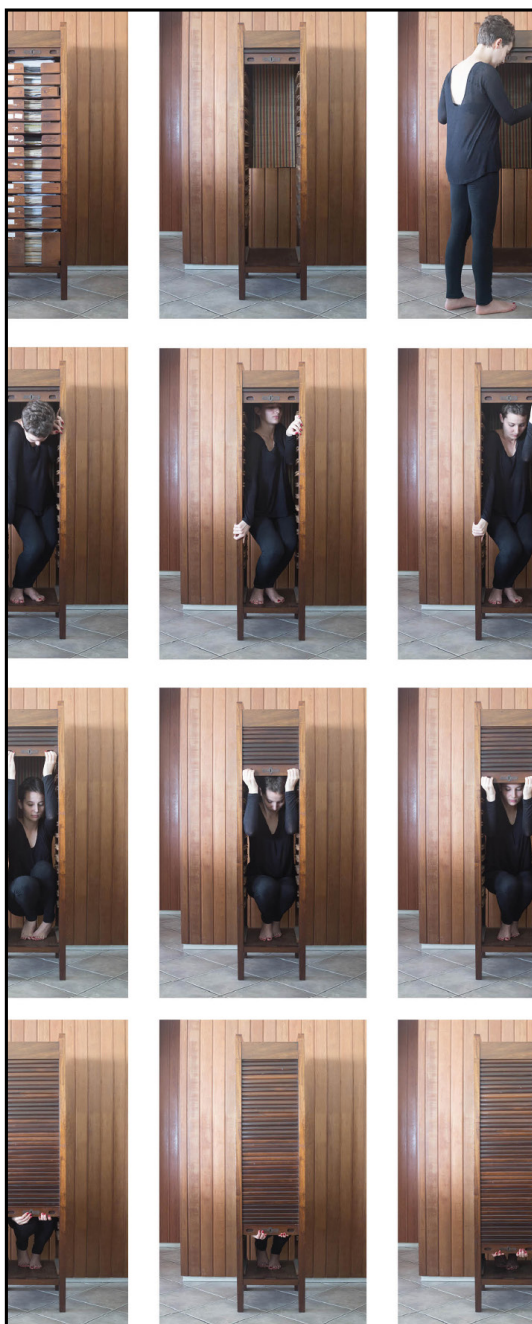
Femme Maison, 1947
Louise Bourgeois



O poder do discurso e da ação assim como o do corpo, é capaz de irromper novas configurações do real ao proclamarem liberdades, desejos e espaços. Nos trabalhos de Letícia Parente, ambos, discurso e corpo atuam como potência de desconstrução de normatividades, possibilitando leituras da casa como espaço social e político, onde as disputas de poder são percebidas através de gestos, objetos e situações. (n. p.)

COSTA, Andréia Paulina. Casa, casca e corpo: o texto como potência crítica em Letícia Parente. *Plural Pluriel*, França, v. 20, p. 70-81, set. 2019. Disponível em: <https://pluralpluriel.academiadeletrasdabahi.org.br/index.php/revue/issue/view/18>. Acesso em: 13/11/2025.

Eu armário de mim, 1975
Letícia Parente



Arquivo foi realizado em um momento de saída definitiva da casa da minha família, onde este móvel de madeira está desde que nasci. Em uma tentativa de seguir habitando este espaço, a ação consiste em preencher o arquivo com meu próprio corpo e fechar-me nele, me tornando parte daquele contexto arquitetônico e afetivo. O trabalho é exposto em fotografias em sequência, e foi também minha primeira tradução para o espaço impresso, em formato de cartaz.

URIARTE, Sarah. Disponível em: <https://sarahuriarte.com/arquivo>

Arquivo, 2015
Sarah Uriarte



Nesse trabalho, chamado corpo-casa, eu busco me adentrar no espaço doméstico, me relacionando diretamente com esse espaço. Eu faço um esforço de me encaixar nos locais de minha casa, para passar a entendê-lo não apenas como casa, mas como lar. Como um espaço de aconchego, segurança, um espaço meu. Me parece que existe uma tentativa na sociedade machista e patriarcal na qual vivemos, que diz que as mulheres não podem se sentir confortáveis nunca. Nem no espaço da cidade, nem no doméstico, nem em seus próprios corpos. Corpo-casa surge dessa tentativa de fazer minha casa, meu corpo, fazer de minha casa um espaço meu, fazer de minha casa o meu lar.

RIBEIRO, Bruna da Silva. Um encontro com todas as mulheres que conheci: a arte feminista na formação docente. 2025. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais - Licenciatura, Unesc - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2025.

Corpo-casa, 2020
Bruna Ribeiro

Fonte: Acervo pessoal

ASAS PARA VOAR

Neste capítulo busco retomar alguns questionamentos feitos durante minha introdução, bem como a retomada dos meus objetivos, para o que adentro aqui como o início do fim deste trabalho.

Trago novamente minha questão norteadora, que é “como pensar uma formação de arte feminista para professoras e professores de Arte?” e aproveito para trazer também minhas demais questões, que são “qual a importância de estudar mulheres artistas? E mais precisamente falando, arte feminista? Onde estão esses referenciais de mulheres artistas que trabalham com arte feminista? Elas estão nos livros de História da Arte? Estão na graduação em Artes Visuais?”

Pois bem, retomando essas questões, espero ter levantado esses pontos para que possamos ter refletido juntas sobre a importância de estudar mulheres artistas. Estamos falando aqui sobre um debate sobre a representatividade. A importância da representatividade que essas mulheres podem trazer na vida de pequenas garotas começando a se interessar por arte na escola. Muitas vezes é uma questão “simples” como essa que pode mudar a vida de uma criança. É nesse lugar de percepimento e de pertencimento que vamos nos tornando seres críticos, políticos e sociais.

Sobre a arte feminista, penso na importância de uma arte que é por si só, crítica, que informa, que comunica, que expõe questionamentos. Questionamentos que são coletivos, mesmo que em um primeiro olhar parecem ser pessoais demais, como uma mulher falando do seu espaço doméstico, por exemplo. Parece pessoal, íntimo, único, mas vai falar sobre uma grande quantidade de mulheres quando paramos para pensar sobre a dimensão dessas poéticas.

Falei muito sobre a minha experiência a partir da autoetnografia, desde memórias de minha infância, até momentos em que estava mais velha, e a partir do contexto em que estou inserida, posso dizer que as mulheres não estão presentes em quase que lugar algum, ainda mais mulheres que trabalham com uma pesquisa feminista.

Falei anteriormente que gostaria que esse Trabalho de Conclusão de Curso fosse uma tentativa de pegar na mão de professoras e professores de Arte e fazê-los enxergar que existem muitas referências além das óbvias. Não precisamos trabalhar apenas a partir dos clássicos homens brancos europeus. Precisamos e devemos apresentar uma arte crítica, para que nossas alunas, alunos e alunas pensem de maneira crítica e cresçam enquanto seres humanos questionadores.

Sobre meu projeto de material artístico pedagógico, fiquei muito satisfeita com ele. Eu esperava sim, fazer muito mais coisas, mas penso que obtive sucesso apesar dos apesares. Além do que, penso em utilizar esse material em projetos e ações futuras em

minha pesquisa e trabalho artístico.

Quando iniciei meu projeto de pesquisa, no início de 2025, eu sinto que era outra pessoa. Sinto que muita coisa mudou, na minha vida e em mim, mas não sei exatamente dizer o que. Uma coisa é certa, porém: a vontade de realizar esse trabalho nunca deixou de existir. Na verdade, ele intensificou-se a cada página que eu escrevia. Tive meus momentos de crise, de querer abandonar tudo, mas em nenhum momento deixei de me orgulhar de tudo que estava fazendo, e de tudo que refleti a partir da construção dele. Principalmente do que consegui realizar a partir das mulheres que andaram junto de mim nesse momento.

Quando retorno ao objetivo geral desse trabalho, que é “investigar e refletir a respeito de uma formação de arte feminista para professoras e professores de Arte”, sinto que consegui fazer isso. Mas gostaria de ter tido um pouco mais de tempo - ou um pouco menos de afazeres junto ao TCC, para investigar ainda mais sobre a temática. Encarando meus objetivos específicos, sinto que consegui chegar neles.

Dediquei muito de mim a esse trabalho. Não só levando em consideração à pesquisa em si, mas também todo o meu ser. Não sei fazer de outro jeito. Tenho que me entregar completamente às coisas que eu faço. Tentei levar em consideração todos os aspectos desse trabalho, desde as referências teóricas, artísticas, até os mínimos detalhes de diagramação. Sinto que em muitos aspectos eu falhei, mas fiz o meu máximo a todo momento.

Pensar em uma pesquisa autoetnográfica é muito gratificante, porém muito difícil. Mas pra mim, fez sentido. Como falei, eu preciso me entregar completamente. E precisei fazer isso para ir ao encontro dessa metodologia, que assim como vários aspectos neste percurso, encontrei ao acaso.

Parando para pensar, minha pesquisa sobre mulheres artistas vai fazer 10 anos. Fiz meu TCC em Artes Visuais - Bacharelado em 2015 e desde de lá, nunca parei. Transformei minha pesquisa em uma meta de vida. Já cheguei a fazer listas sobre todas as mulheres artistas que conheço, separando-as por período histórico. Talvez todo o meu trabalho por mulheres artistas, para mulheres artistas e sobre mulheres artistas seja um pouco obsessivo. Mas acho tudo bem. Eu construo ele à medida que ele também me constrói. É uma troca constante.

Caso você não tenha reparado - e caso tenha reparado também, a introdução e a conclusão deste trabalho possuem o mesmo título. Asas para voar. Vem diretamente se uma citação do Diário de Frida Kahlo, que diz “Pies, ¿para qué los quiero si tengo alas para volar?” (tradução livre: pés, para que os quero se tenho asas para voar?). Frida passou por uma série de coisas na vida dela que neste momento não cabem aqui, mas ela ainda assim conseguia ter a forças para voar em todas as coisas que fazia. Mulher.

Artista. Musa. Eu quero ter essa força, e sinto que a partir dela - e de todas as mulheres que conheci - eu a consigo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei No 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Brasília: Mec, 20 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 02/11/2025.

COSTA, Andréia Paulina. Casa, casca e corpo: o texto como potência crítica em Letícia Parente. Plural Pluriel, França, v. 20, p. 70-81, set. 2019. Disponível em: <https://pluralpluriel.academiadeletrasdabahia.org.br/index.php/revue/issue/view/18>. Acesso em: 13/11/2025.

FONTOURA, Helena Amaral da. Narrativas na formação docente: tessituras em tempos de construção. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; REIS, Graça (org.). Pesquisa com formação de professores: rodas de conversa e narrativas de experiências. Petrópolis / Rj: Dp Et Alii, 2017. p. 185-195.

FORTIN, Sylvie. CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS DA ETNOGRAFIA E DA AUTO-ETNOGRAFIA PARA A PESQUISA NA PRÁTICA ARTÍSTICA. Cena, Porto Alegre, p. 77-88, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em: 19 ago. 2025.

HESSEL, Katy. A história da arte sem os homens. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2024.

HODGE, Susie. Breve história das artistas mulheres: um guia de bolso para os principais movimentos, obras, inovações e temas. São Paulo, SP: Olhares, 2021.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. Trajetórias Cartográficas Na Formação De Professores E Professoras De Artes: espaços do possível. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, 2015.

HOOKS, bell. O Feminismo é para Todo Mundo: Políticas arrebatadoras. Rosa dos tempos. E-book, 2018.

LACOMBE, Milly; LINS, Paola de Oliveira. Feminismo para não feministas: Como o machismo machuca todo mundo. Planeta. E-book, 2024.

LAMPERT, Jocielle. Estágio supervisionado: andarilhando no caminho das Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira e; HERNÁNDEZ, Fernando (org.). A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais. Santa Maria: Editora Ufsm, 2005. p. 147-157.

LAURENTIIS, Gabriela Barzaghi De. Louise Bourgeois e modos feministas de criar. Sobinfluencia Edições. E-book, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; SANTOS, Alessandra dos; GRION, Valentina. AUTOETNOGRAFIA: self, identidade e reflexão como categorias de análise em etnografia. Cadernos de Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), São Luís, p. 1-28, 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/23774>. Acesso em: 15/09/2025.

SARDENBERG, Cecília M. B., Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (org.). Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais. Salvador: UFBA – NEIM, 2011.p. 17-32.

URIARTE, Sarah. notas sobre arquivo. Itajaí/SC: Des. 2021.

ristine	Amabile	Ana	Evellyn	Barbara	Franciele	Bruna	Gabr
yntia	Amalhe	Ana	Evelyn	Barbara	Franciele	Bruna	Gabr
aiane	Amanda	Ana	Évyllen	Barbara	Francielen	Bruna	Gabr
aiane	Amanda	Ana	Fabiana	Barbara	Francieli	Bruna	Gabr
aiani	Amanda	Ana	Fafá	Barbora	Francieli	Bruna	Gabr
ani	Amanda	Ana	Fatrine	Beatrice	Francine	Bruna	Gabr
ani	Amanda	Ana	Fernanda	Beatriz	Francine	Bruna	Gabr
aniela	Amanda	Ana	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Bruna	Gabr
aniela	Amanda	Ana	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Bruna	Gabr
aniela	Amanda	Ana	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Cailane	Gaia
ra	Ana	Ana	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Camila	Galg
ra	Ana	Ana	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Camila	Gean
ra	Ana	Ana	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Camila	Geór
ra	Ana	Andressa	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Camila	Géss
aniele	Ana	Andressa	Fernanda	Beatriz	Gabriela	Camila	Gian
aniele	Ana	Andressa	Fernanda	Beatrys	Gabriela	Camila	Gian
aniele	Ana	Andressa	Fernanda	Bel	Gabriela	Camila	Giov
aniele	Ana	Andreza	Fernanda	Bianca	Gabriela	Camila	Giras
anielle	Ana	Anelise	Fernanda	Bianca	Gabriela	Camile	Gisel
anielle	Ana	Anete	Fernanda	Bianca	Gabriela	Carina	Gisel
ary	Ana	Angela	Fernanda	Bianca	Gabriela	Carina	Gisel
ayane	Ana	Ângela	Fernanda	Bianca	Gabriela	Carla	Gisel
ebora	Ana	Angelica	Fernanda	Bianca	Gabriela	Carla	Gisel
ebora	Ana	Angélica	Fernanda	Bill	Gabriela	Carol	Gisla
ebora	Ana	Angélica	Flavia	Brida	Gabriela	Carol	Gisle
ébora	Ana	Anna	Flavia	Brisabel	Gabriela	Carol	Giu
ébora	Ana	Anna	Flavia	Bruna	Gabriela	Carol	Giuli
ébora	Ana	Anna	Flavia	Bruna	Gabriela	Carol	Glau
ébora	Ana	Annie	Francesca	Bruna	Gabriela	Carolina	Gled
eise	Ana	Ariane	Franciele	Bruna	Gabriela	Carolina	Gore
eise	Ana	Ariel	Franciele	Bruna	Gabriela	Carolina	Gore
eisy	Ana	Aurélia	Franciele	Bruna	Gabriela	Carolina	Graz
Janaina	Diana	Julia Maria	Kamilla	Lais	Milenne		